

EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA A 3a. IDADE

Myriam Brindeiro de Moraes Vasconcelos
Pesquisadora do IJNPS

Toda a problemática do idoso ou da 3a. Idade, como se diz atualmente, está relacionada com a definição do seu papel social e cultural.

O indivíduo pode ou não aceitar o papel que lhe é imposto pela sociedade e pela cultura. Adaptar-se, curvando-se a ele, ou rebelar-se, num esforço maior de rejeição ao modelo apresentado. Mas, sempre prevalece o social e o cultural, sobre o individual.

Mesmo que haja uma consciência racional e emocional contrária ao que é aceito social e culturalmente como o papel do idoso, é difícil e penoso, ainda que não seja impossível, uma atitude isolada de "rebelia". Os exemplos são muitos, em vários campos, felizmente.

Mas a uma evidência individual confronta-se o peso do padrão do modelo prevalecente.

Diz Gilberto Freyre:

"São todos comportamentos menos biologicamente determinados que sociologicamente condicionados por aquelas convenções desenvolvidas

por tipos de civilização em que as relações entre as idades como entre os sexos ou como entre as raças, fixaram-se muito mais ao sabor de balanças de poder sociologicamente estabelecidas que biologicamente determinadas".¹

Entretanto, o uso do próprio conceito de 3a. Idade, ao invés de idoso ou velho, já assinala entre nós uma modificação latente na maneira social e cultural de definir tal papel.

Trata-se agora de uma faixa etária. A de número três na escala ordinal cronológica. A conotação pejorativa não se mostra tão evidente quando se diz velho, com determinada entonação desdenhosa, ou mesmo "gagá", ainda que em tom de brincadeira.

E qual tem sido o papel social modelo para a 3a. Idade?

As variações existem ao longo da História e das diversas culturas.

Nas sociedades ditas primitivas o velho era respeitado pela sabedoria. Em muitas havia o Conselho dos Anciãos. As tribos indígenas, de um modo geral, seguiam este modelo. Nas organizações sociais de raça negra, ainda hoje, se observa o valor e o respeito pelo velho. Entre nós, as figuras do Preto Velho, da Mãe e do Pai-de-Santo estão ligadas a uma conotação de conselheiro, de sabedoria, de status dentro do grupo.

Nas zonas rurais do Brasil ainda se encontram esquemas semelhantes ou assemelhados. O próprio Senado Romano é um exemplo da aceitação da velhice como força social e política.

Modelos interessantes, como exemplos, são os dos letões e dos da Abkhasia.

Os imigrantes da Letônia em Vila de Palma, Tupã, Estado de São Paulo, 19 velhos com idades variáveis entre 65 e 92 anos, remanescentes da comunidade de 453 pessoas constituída por grupos chegados ao Brasil em 1922, fugidos da 1ª Guerra Mundial e da Revolução Soviética, fazem da busca da felicidade sua preocupação primeira — experiência revolucionária de sociedade comunitária.

1.— FREYRE, Gilberto. O idoso válido como uma descoberta da nossa época. *Ci. & Trópico.*, Recife, 5 (1): 65-76, jan./jun., 1977.

Governados por um "Conselho de Anciãos" praticavam uma espécie de socialismo cristão "onde todos levavam a mesma vida, comiam da mesma panela, adotavam a rotação de atividades e o trabalho não era pago em função da capacidade intelectual, mas segundo o peso dos serviços".²

Hoje, depois de doarem as propriedades à Igreja Batista, vivem das tarefas que ainda podem desempenhar, principalmente tipografia, e com o meio Salário Mínimo pago pelo FUNRURAL.

Diz a repórter:

"Profundamente religiosos, eles encaram a morte com bastante naturalidade. . . . Esta atitude é assumida na prática: seu Alexandre vai a uma das casas coletivas e, num dos cômodos, mostra diversos caixões enfileirados, à espera de qualquer eventualidade".³

O objetivo deles não era o progresso mas a difusão da religião que professavam.

"Quando à nossa volta há tristezas, perturbações, sei que os irmãos vivem aqui num pedaço do céu, cercados pela natureza, longe do barulho da cidade, do pecado e do mal. Os irmãos estão provando a longevidade da vida que tem Deus por salvador".⁴

Segundo a professora de Antropologia Sula Benet, em artigo publicado na Revista *Reflections*, os moradores da Abkhasia, região da República Soviética, e das Montanhas do Cáucaso, vivem normalmente 100 e mais de 100 anos. Por que?

Conforme eles próprios, por causa da sua vida sexual, seu trabalho e sua dieta.

Mas a pesquisadora acrescenta aspectos outros que lhe parecem mais importantes ainda. Inexiste "gap" entre a expectativa e a experiência. Eles se sentem necessários porque, nas suas próprias mentes, e, nas dos demais, eles o são.

2 — AUTRAN, Margarida. A saga dos letões na rota da felicidade — Vila de Palma. *Senecta*, 2 (2) : 2(2):4-15, 1979.

3 — Idem

4 — Op. cit. nota 2 p. 4 a 15

Porque o extraordinário fator cultural estrutura a existência deles: a uniformidade individual e grupal — os mesmos jogos, o mesmo trabalho, a mesma alimentação, as mesmas necessidades pessoais e sociais. E o aumento do prestígio com o aumento da idade.⁵

Deixando-se de lado toda a riqueza da civilização oriental, não por menosprezo, mas pela distância cultural existente, qual ou como tem sido o modelo da civilização ocidental urbana em relação à velhice?

Por que a atual problemática social da 3a. Idade, quando antes, há alguns anos, ela nem se colocava para o brasileiro?

Muitos são os caminhos que parecem levar a respostas diferentes, mas que na realidade se complementam.

O aumento da idade da chamada vida média, por fatores como melhores padrões de saúde e higiene, assim como também pelo progresso no campo da medicina preventiva e pelas descobertas e pesquisas farmacológicas, é um deles.

“Segundo a socióloga francesa Claudine Attias Donfut, especializada em Gerontologia, a expectativa de vida, que era de 28,8 anos, no século XVIII, na França, é, atualmente, de 68 para homens e de 73 para mulheres”.⁶

A mudança crescente e paulatina do padrão de vida tipicamente rural existente mesmo nas cidades brasileiras, principalmente nos subúrbios, para o padrão urbano, em consequência dos fenômenos bem conhecidos do êxodo rural, da explosão demográfica e da cópia de modelos e soluções agregadas sempre ao chamado processo de desenvolvimento econômico, é outra possível explicação.

Daf as dificuldades financeiras, de moradia, de espaço, de educação, da necessidade de controle da natalidade, dentre outras.

5 — BENET, Sula. Why they live to be 100, or even older in Abkhasia. *Reflections*, 7(5): 25-40, 1972.

6 — SILVA, A. C. Pacheco. *Envelhecer sem esmorecer*. [s.l.; s.d.] 1978

Coloca-se mais um problema: aquele dos velhos e dos idosos não inseridos na chamada luta pela vida, não que não tenham contribuição a dar, mas porque a própria luta pelo mercado de trabalho os afasta e marginaliza do processo econômico, da luta pela vida, para que vida?

Aos movimentos de rebeldia da juventude, caracterizados pela agressão aos pais, à velhice, juntaram-se movimentos hippies, de volta à natureza, e movimentos religiosos de jovens preconizando, de acordo com suas características próprias, de um modo geral, a paz, o amor, a caridade, a amizade.

Mas a civilização ocidental urbana, através da valorização crescente da produção material de bens e serviços, menospreza contribuições outras que não se classifiquem claramente nesse setor, que não tenham preço, nem sejam medidas, ou não possam nem devam ser quantificadas.

Ao lado disso, a própria concepção de desenvolvimento de valorar, cada vez mais, o material, gera dificuldades de acesso à produção de bens e serviços, e traz por trás de si concepções outras de organização social que lhe ficam agregadas.

O sistema econômico e toda a sua teia de produção, distribuição, circulação e consumo favorece a modos de vida principalmente o consumismo, que escanteiam ou sabotam aqueles que já não podem fazer parte do seu processo envolvente. Dentre aqueles estão os idosos, os velhos, os 3a. Idade.

As mulheres também estão assumindo papéis desgastantes por conta dessa pressão pelo desenvolvimento material. Há donas-de-casa que são esposas, mães, trabalham fora, exercem o magistério e ainda estudam. Mas isso é outro problema.

Os abrigos, asilos, clínicas ou outros nomes que tenham, são soluções para um problema criado pela civilização ocidental urbana. E estão aumentando.

Só se justificam para os sem família ou doentes.

Há poucos anos não havia essas instituições no Brasil. À medida que o desenvolvimento vai atingindo as cidades ou aglomerados urbanos, elas começam a proliferar. Existem abrigos para a velhice desamparada, sem família, ou hospitais.

“A proliferação de asilos — que funcionam como verdadeiros guetos sociais — é um perigo que deve ser evitado de qualquer maneira”, são palavras da médica carioca Nelly Wally. Afirma que “atravessamos uma longa fase de desamor, que a médio prazo só pode ser minorada através de um longo trabalho desenvolvido junto às crianças, nossos futuros velhos”. E, ainda mais que “A marginalização do velho é um preconceito e, portanto, a antítese de uma sociedade aberta”. 7

Uma proposta de alerta, de mudança no papel social do velho, na concepção social e cultural sobre a velhice teria de considerar, necessariamente, no caso brasileiro, o próprio modelo nacional, tão bem estudado por nossos escritores, através dos tipos representativos na nossa literatura do papel do velho, e da nossa maneira peculiar de aceitá-lo.

Um modelo diferente daquele que se vem implantando, pela aceitação do modelo global de civilização urbana ocidental.

O modelo brasileiro do avô amigo do neto. Da avó ajudando na casa, ensinando receitas, fazendo tricô e crochê, acompanhando as filhas nas maternidades, ficando com as crianças nas férias do casal, pelo menos como figura de respeito e carinho, assumindo outras tarefas também.

Diz Gilberto Freyre:

“Sendo assim, nos modernos equivalentes sociológicos de avós e nos modernos equivalentes sociológicos de netos e em alianças entre eles — outra tese do livro *Além do Apenas Moderno* — nós teríamos, nas sociedades modernas do tipo geralmente considerado mais desenvolvido, expressões de espontaneidade, de autenticidade, de independência, de revolta, de crítica, da parte dos muito jovens e dos muito idosos que estariam concorrendo para corrigir excessos de conformidade e de adesão a ordens sociais estabilizadas, ou tidas por inevitavelmente triunfantes, em futuro próximo da parte dos grupos de idade socialmente dominantes”. 8

Ao lado da característica tão brasileira e tão nossa a ser salientada e preservada, há todo um apoio de uma nova concepção educacional que se vem plasmando e que já conta com grandes contribuições de brasileiros.

7 — WALLY, Nelly. Asilos de velhos são guetos sociais. *Senecta*, 2(2), 1979.

8 — FREYRE, Gilberto. Op. cit. nota 1

Concepções aparentemente dissociadas mas que podem ter um denominador comum — a busca de uma verdadeira educação liberalizante para o homem.

Pierre Furter, como base para uma Educação Permanente, já propôs o reconhecimento da Andragogia — ciência da educação do homem, durante toda a sua vida.

E salienta que são necessárias três condições:

— deve se apoiar numa praxis tomando como ponto de partida atividades reais de aprendizagem e auto-aprendizagem;

— a praxis formativa deve ser técnica e tecnicada (técnicas tradicionais ao lado de meios aperfeiçoados de ensino — programado, TV, etc.);

— e deve ser “uma reflexão profunda, crítica e criadora que deseje construir na interdisciplinaridade uma teoria da formação dos homens”.⁹

Terezinha Corseuil Granato, com o seu artigo “Contribuições do Pensamento Antropológico à Educação”¹⁰ mostra como as teorias antropológicas buscando a globalidade do homem têm contribuído para uma melhor compreensão e orientação do processo educacional. A posição fenomenológica — existencial, segundo ela —, permite que a educação seja tomada como um instrumento para a plenitude humana, através de um processo evolutivo de reestruturação permanente.

“Sendo esse processo sempre inacabado, o homem cria sua história e seu ser pessoal à medida que assume, em diálogo com sua comunidade, a direção de seu existir”.¹¹

E, mais adiante:

9 — FURTER, Pierre. A formação do homem inacabado: ensaio de andragogia. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 60 (134) abr./jun., 1974.

10 — GRANATO, Terezinha Corseuil. Contribuições do pensamento antropológico à educação. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 60 (134), abr./jun., 1974

11 — GRANATO, Terezinha Corseuil. Contribuições do pensamento antropológico à educação. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 60(134), abr./jun., 1974.

“A existência do homem, vista através desse prisma de educabilidade contínua, transforma-se em uma recriação quotidiana de seu ser, de sua história, de seu existir. O que leva a conscientizar a necessidade de uma educação permanente”.¹²

E, ainda:

“Definidas e assumidas suas possibilidades, diante das quais a cultura representa os meios de que dispõe para a compreensão do seu universo e atuação sobre o mesmo, o homem “inacabado”, conscientizado de sua verdadeira situação no mundo, não pode jamais ser um conformista, ele se torna sujeito de seu destino, buscando níveis de existência cada vez mais acordes com a integralidade de sua condição humana, tornando-se a educação permanente o instrumento por excelência de conquista de seu existir”.¹³

Pensadores, filósofos, pesquisadores, professores têm se preocupado com a problemática educacional, e, muitos deles estão propondo soluções inovadoras, que conduzem sempre à necessidade de um processo contínuo de educação.

Ivan Illich propõe a desescolarização no seu livro “Sociedade sem Escolas”. Propõe “Teias de aprendizagem” para acesso aos recursos educacionais: 1. Serviço de consulta a objetos educacionais; 2. Intercâmbio de habilidades; 3. Encontro de colegas; 4. Serviço de consultas a educadores em geral.

Edgar Faure também preconiza, em relatório publicado pela UNESCO (*Apprendre à être, le monde sans frontières*), que:

“A escola, em sua forma tradicional, não pode ser o único lugar em que se realize o ato educacional. É preciso acabar com a separação entre educação escolar e extra-escolar, fazendo-se existir, integrando-se uma na outra, pelos seus aspectos complementares e fecundos”.¹⁴

12 – Idem

13 – Idem, *Ibidem*

14 – FAURE, Edgar. *Apprendre à être le monde sans frontières*. Comentário de Paulo Carneiro. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 60 (134): 278, abr./jun., 1974.

Segundo Terezinha Granato, "Paulo Freire fundamenta-se em um conceito antropológico de cultura: O homem não pode, a partir de uma posição de sujeito, fazer de outro homem — ou de outros homens — objeto de suas ações. Seria violar o postulado fundamental da igualdade ontológica de todos os seres humanos. Além disso, seria violar a própria categoria fundamental sócio-antropo-cultural da comunicação".¹⁵

Um outro caminho, portanto, para modificar o papel social do idoso entre nós, ao lado da aceitação do modelo tipicamente brasileiro do convívio de gerações, tão bem estudado por Gilberto Freyre, seria o da aceitação da educação permanente, não como algo a ser procurado depois da aposentadoria, ou quando já se estivesse realmente ficando velho, mas como uma atitude a ser assumida desde cedo pelas crianças, através do complexo cultural total.

É difícil uma concretização de tal tipo de proposta. Através dela, não haveria quebra do continuum vital, por toda vida. Esperar-se-ia uma evolução normal da vida, vivida e construída por cada um.

Mas seria um ideal, que é concretizado por muitos, e que se deve buscar para todos.

Para a maioria que adere, mesmo sem querer, ao processo massificante de, por objetivos vários, fazer o que não quer, trabalhar no que não gosta, adaptando-se ao modelo econômico para viver, existe também solução revivificadora, pelo menos na 3a. Idade.

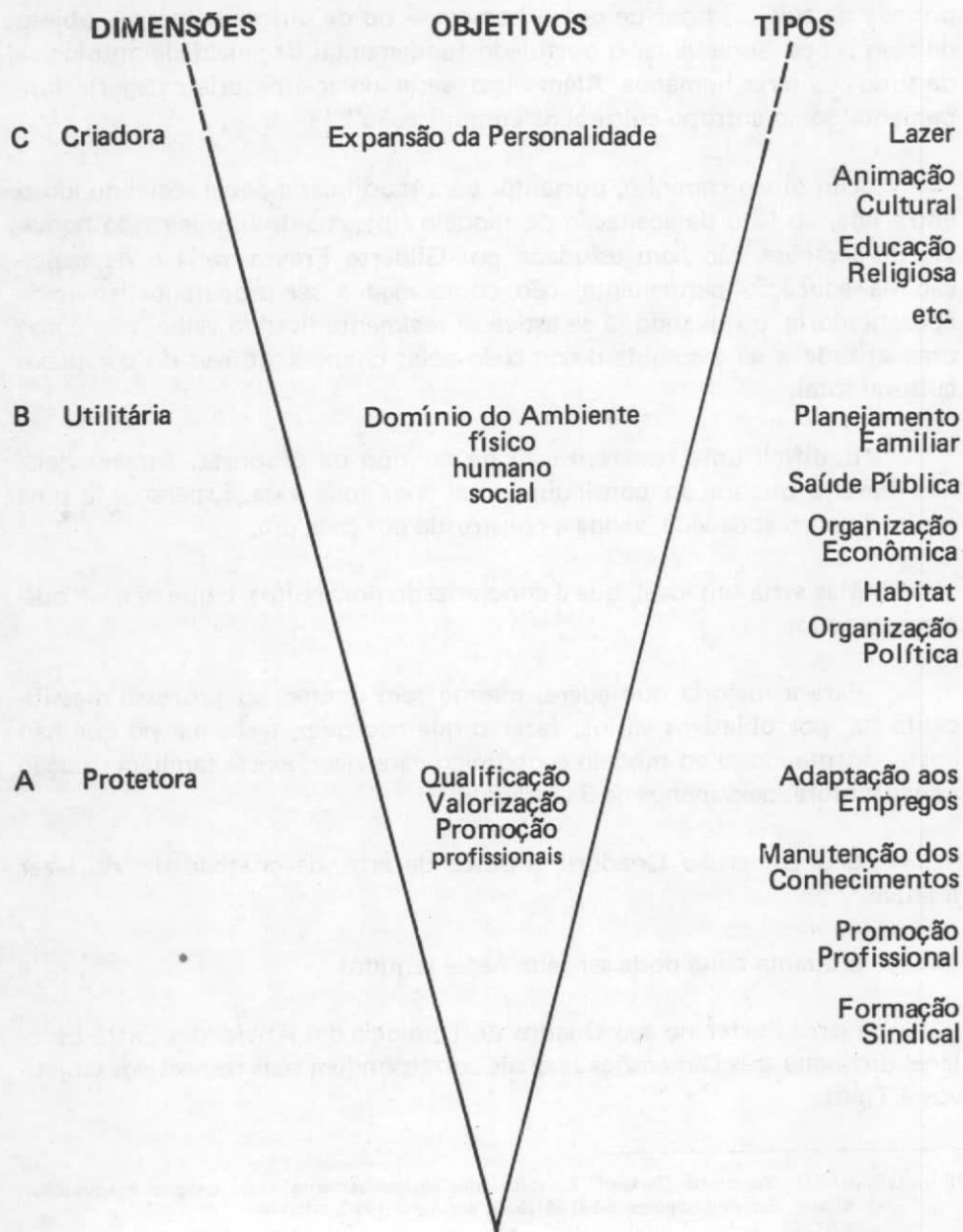
É a Dimensão Criadora, a busca da arte, da criatividade, do lazer criativo.

E quanta coisa pode ser feita nesse sentido!

Pierre Furter no seu Quadro de Tipologia das Atividades Extra-Escolares distingue três Dimensões às quais correspondem seus respectivos Objetivos e Tipos.

15 — GRANATO, Terezinha Corseiul. Contribuições do pensamento antropológico à educação. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 60 (134): 227, abr./jun., 1974, citando MACIEL, Jarbas. A fundamentação teórica do sistema Paulo Freire de educação.

QUADRO 1 Tipologia das Atividades Extra-Escolares



Adaptando-se o Quadro para a problemática da 3a. Idade, verifica-se que, para essa maioria que durante a sua participação na chamada População Economicamente Ativa não teve oportunidade de se liberar, no sentido de fazer o que vem de si, do seu ser, a sua aposentadoria, a sua passagem para a outra fase da vida, é, realmente, a sua grande chance.

RBEP No. 131

QUADRO (p. 416)

A Dimensão Criadora leva à Expansão da Personalidade e pode ser concretizada através do Lazer, da Animação Cultural, da Educação Religiosa, etc.

“... compreende todas as atividades que favorecem a expansão da personalidade para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e das coletividades. Este setor, diferindo dos outros dois, abre possibilidades infinitas, pois está diretamente ligado à criatividade e à imaginação. . . . compreende, aliás, atividades bem antigas e características da educação dos adultos, . . .”¹⁶

Outra proposta no sentido da mudança social do papel do idoso é alertar as Instituições ligadas à Arte, Criatividade, Cultura, Museus, Folclore, FUNARTE, Escolinhas de Arte, TVE, TVU, para a problemática da 3a. Idade, e o manancial de riqueza humana a ser estimulado nessa faixa.

Gilberto Freyre chama atenção para um aspecto importante da vida universitária:

“O papel — no sentido sociológico de role — de estudante universitário sempre atual, renovado, moderno, já não é monopólio do jovem. É também desempenhado pelo idoso: toda uma revolução. A Universidade já não é monopólio de juventude ávida de saber: está crescentemente aberta ao idoso, também ele ávido de renovar o seu saber, de atualizar seus conhecimentos, de refrescar sua inteligência. . . . à base de sua mais longa vivência, largo tempo livre para estudos, para pesquisas, para meditações, de quase certo valor para suas comunidades. Para suas culturas nacionais, em particular, e para a cultura humana, em geral”.¹⁷

16 — FURTER, Pierre. Educação de adultos e educação extra-escolar na perspectiva da educação permanente. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 59 (131): 410, jul./set., 1973.

17 — FREYRE, Gilberto. Op. cit. nota 1

A Universidade Aberta, criada recentemente na Inglaterra, com cursos iniciados em 1971, é uma das opções para atendimento à proposta de educação permanente para a 3a. Idade.

“O termo “aberta” se aplica à nova universidade em vários sentidos. Primeiramente no sentido social pois se dirige a todas as classes sociais, permitindo que as pessoas possam completar seus estudos em suas próprias casas sem exigência de freqüência às aulas, a não ser uma ou duas semanas por ano. Em segundo lugar, do ponto de vista pedagógico, na medida em que a matrícula na Universidade *está aberta a todo indivíduo* maior de 21 anos, independente da apresentação de certificado de instrução anterior e de qualquer exame de admissão. Finalmente, ela se chama “aberta” no sentido de que seus cursos, pelo rádio e pela televisão, estão abertos ao interesse e à apreciação do público em geral”.

Seu caráter democrático é salientado:

“É uma universidade para o povo em geral, mas não uma universidade populista. Trata-se de uma “multi-media university” que tem como substância de seu ensino a unidade de correspondência”.¹⁸

A Universidade Federal de Pernambuco criou este ano programa de Universidade Aberta.

Como base para a busca de Teorias Criativas adaptadas à 3a. Idade, e com uma certa ousadia, podem ser expressas, ainda que de raspão, as idéias de educação criadora de Herbert Read através de Nise Silveira, que sabe ter ele, por sua vez, se baseado em Platão e Jung:

“Assim, a educação orientada no sentido de promover o equilíbrio psíquico e facilitar a adaptação do indivíduo ao meio (higiene mental) deveria incluir, entre suas demais medidas de precaução, o cultivo das quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição”.¹⁹

18 — SUCUPIRA, Newton. Universidade aberta: nova experiência de ensino superior na Inglaterra. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 59 (131) jul./set., 1973.

19 — SILVEIRA, Nise. A concepção educacional de Herbert Read. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 59 (130), abr./jun., 1973.

E mais:

“Terá de ser tomada seriamente em consideração a função imaginativa. Somente a imaginação é capaz de dar forma às sensações internas, às emoções, aos sentimentos: Somente a imaginação pode fazer de fantasias vagas e de imagens imprecisas, oriundas do inconsciente, dados objetivos”.²⁰

A teoria do inconsciente coletivo de Jung, baseada no arquétipo da totalidade, não seria talvez realçada na 3a. Idade como o é na infância?

Fica a interrogação no ar a ser provada, talvez.

Uma proposição que também parece válida é a de se procurar integrar as Instituições de 3a. Idade, e devem existir muitas, masculinas e femininas, para um trabalho conjunto e harmonioso em termos de educação permanente e criatividade, visando uma modificação do papel do idoso. Palesstras, Conferências, Seminários para mostrar que os 3a. Idade devem permanecer na família e que eles sendo úteis a si mesmos e aos outros, são estimados e necessários.

O trabalho de atendimento imediato que vem sendo realizado nos abrigos para idosos desamparados, nos hospitais, nas casas de saúde, em entidades assistenciais é por demais válido e digno de elogios.

Contudo, é necessária a busca de caminhos que venham mostrar a possibilidade de mudanças na maneira de encarar a velhice e ajudá-la a mudar esse papel social, não como um favor, mas baseada em fatos que possam ser provados e medidos.

Esta mudança cultural efetiva do papel social do idoso vem sendo observada e constatada através de casos individuais, bastante numerosos. Mas é preciso se evitar a propagação e assentamento da tendência oposta, da proliferação de asilos como inevitável.

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, contando com as concepções sociológicas de Gilberto Freyre sobre a velhice, através principalmente das obras “Além do Apenas Moderno” e “O idoso válido como desco-

20 — SILVEIRA, Nise. A concepção educacional de Herbert Read. *R. bras. Est. Pedagógicas*, 59 (130), abr./jun., 1973

berta da nossa época", e inúmeros artigos de jornais e revistas onde aborda o assunto, tem a felicidade de tê-lo como um exemplo vivo das suas teorias. Dentre outros, vários amigos seus prestigiaram e prestigiam ainda a Instituição com as suas vidas de trabalho fecundo na 3a. Idade:

Waldemar Valente, Estêvão Pinto, Mário Souto Maior, René Ribeiro, no campo da Antropologia; Sylvio Rabelo e Albino Gonçalves Fernandes na Psicologia Social; Nilo Pereira e Mauro Mota na Literatura; Amaro Quintas na História; Gilberto Osório e Mário Lacerda na Geografia; Antônio Carolino Gonçalves na Estatística.

Isto para falar, apenas, em alguns dos que se distinguiram nas atividades de estudos e pesquisas.

E há muitos outros, que desempenham tarefas mais simples, porém essenciais ao trabalho conjunto.

Como atividades recentes dignas de menção podem ser citadas: a participação de um grupo de pesquisadoras do Departamento de Psicologia Social e Educação no III Congresso dos Aposentados e Pensionistas do Brasil (03. a 07 de outubro de 1977) em Olinda, como observadoras; — o lançamento do livro de memórias "Tudo em cor de rosa" de Yolanda Penteado com conferências de Gilberto Freyre e da autora, como promoção do Departamento de Museologia; — a aproximação com grupos de 3a. Idade — Convívio e AWARE (American Women Association of Recife).

A estrutura do IJNPS pode comportar atividades de atendimento à 3a. Idade através de vários dos seus Departamentos (Educação, Psicologia Social, Museologia, Antropologia e seus Centro de Estudos Folclóricos e Centro de Estudos do Imaginário).

Como propostas concretas e amplas para uma modificação do papel social da 3a. Idade podem ser sugeridas:

- 1 — Programa de Educação Permanente para a 3a. Idade.
 - 1.1 — Projetos de Incentivos à abertura das Instituições Culturais para a 3a. Idade.

1.2 — Projetos das Instituições de 3a. Idade em termos de Programações Culturais.

2 — Programa de Pesquisa sobre a 3a. Idade

2.1 — Projetos sobre Programas Educacionais para a 3a. Idade.

2.2 — Projetos sobre Experimentações Educacionais para a 3a Idade.

O primeiro programa compreende a ativação de eventos. Mas eventos programados e acompanhados para que se tenham avaliações das suas repercussões.

No segundo programa, tanto se pode ter um levantamento dos programas, projetos e atividades educacionais existentes para a 3a. Idade, como uma avaliação dos mesmos, como propostas de experimentações. O trabalho da Universidade Aberta da UFPE, por exemplo. Nesse programa, é tentadora a proposta de verificação da premissa gilbertiana, seja na realidade social do dia-a-dia, seja através de um experimento em que se aproximem os "avós" dos "netos", em escolas de vários níveis, para uma avaliação de aproveitamento escolar.

"De todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável, o de marcha mais segura, o mais fácil de ser previsto com grande antecedência e talvez o mais pejado de consequência é o envelhecimento da população", escreveu Sauvy".²¹

"Os interesses em jogo nesta luta não são apenas de ordem prática mas também de ordem moral: pretende-se obrigar os velhos a se conformarem com a imagem deles formada pela sociedade".²²

Para uma mudança desse papel, ao lado das afirmações individuais, é preciso um trabalho conjunto de todos aqueles que entendem a problemática e, principalmente, dos próprios idosos, em benefício de sua própria geração e das futuras.

21 — BEAUVOIR, Simone. A velhice. [s. l., s. ed.] 1970 p. 247

22 — Idem p. 245.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – ASSISTÊNCIA aos idosos. Boletim Bibliográfico, 17, jun., 1977.
- 2 – AUTRAN, Margarida. A saga dos letões na rota da felicidade – Vila de Palma. *Senecta*, 2(2): 4-15, 1979
- 3 – BEAUVOIR, Simone. *A velhice – realidade incômoda*. [s.n.t.]
- 4 – BELTRÃO NETO, João Carneiro da Silva. *PEGG-Plano especial de geriatria e gerontologia*. Recife, INPS, 1976.
- 5 – BENET, Sula. Why they live to be 100, or even older, in Abkhasia. *Reflections*, 7(5), 1972.
- 6 – CANDAU, Marcos de Carvalho. *A situação do idoso no Brasil: aspectos sociais*. Rio de Janeiro, MPAS, 1977.
- 7 – FAURE, Edgar. Apprendre à être, le monde sans frontières. Comentário de Paulo Carneiro. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 60 (134): 278, abr./jun., 1974.
- 8 – FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973. 260 p. Inclui bibliografia.
- 9 – ————. O idoso válido como uma descoberta da nossa época. *Ci. & Tróp.*, Recife, 5 (1): 65-76, jan./jun., 1977.
- 10 – FURTER, Pierre. A formação do homem inacabado: ensaio de andragogia. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 60 (134), abr./jun., 1974.
- 11 – ————. Educação de adultos e educação extra-escolar nas perspectivas da educação permanente. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 59(131), jul./set., 1973.
- 12 – GRANATO, Terezinha Corseiul. Contribuições do pensamento antropológico à educação. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 60 (134), abr./jun., 1974.
- 13 – ILLICH, Ivan. Como educar sem escolas. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 60 (134) abr./jun., 1974.
- 14 – ————. Sociedade sem escolas. Resumo de Lana Lage da Gama. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 60 (134), abr./jun., 1974.
- 15 – MARANHÃO, Mariza Pessoa. *A velhice e suas implicações sociológicas*. Recife, UNICAP, 1976.
- 16 – MORAES, Maria Luiza Gusmão de. *A sala de espera: um estudo da ideologia do velho asilado*. Brasília, Fundação Universidade de Brasília, 1977.

- 17 – NOTÍCIA Senecta. *Senecta*, 2 (2), 1979
- 18 – QUANTO mais velho melhor. *Realidade*, 9 (100), jul., 1974.
- 19 – RICHMOND, W. Kenneth. A idéia de uma sociedade educativa. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 60 (134), abr./jun., 1974.
- 20 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 1. São Paulo, 1976. *Síntese*. São Paulo, INPS, 1976.
- 21 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 2. Vitória. *Perfil do Estado do Espírito Santo face à realidade do idoso*. Vitória, Governo do Estado do Espírito Santo, 1976.
- 22 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 2. 1976. *Síntese*, Belo Horizonte, INPS, 1976.
- 23 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 3. Fortaleza, 1976. *A marginalização social do idoso na área metropolitana de Fortaleza*. Fortaleza, INPS, 1976. 34 p Inclui bibliografia.
- 24 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 3 Fortaleza, 1976. *Perfil do idoso*. Recife, INPS, 1976.
- 25 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 3, Fortaleza, 1976. *Relatório do Estado do Maranhão*. São Luiz, INPS, 1976.
- 26 – SEMINÁRIO Regional sobre o idoso na sociedade brasileira, 3, Fortaleza, 1976. *Síntese/Conclusões*. Fortaleza, INPS, 1976
- 27 – SILVA, A. C. Pacheco e. *Envelhecer sem esmorecer*. [s.l.,s.d.] 1978.
- 28 – SILVEIRA, Nise. A concepção educacional de Herbert Read *R. bras. Est. Pedagógicos*, 59 (130) abr./jun. 1973.
- 29 – SUCUPIRA, Newton. Universidade aberta: nova experiência de ensino superior na Inglaterra. *R. bras. Est. Pedagógicos*, 59 (131) jul./set., 1973.
- 30 – WALLY, Nelly. Asilos de velhos são guetos sociais. *Senecta*, 2 (2), 1979.

